

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
Nº17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2165-9344

côA Visão₁₇

Economia,
Ciência e Cultura

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Os textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

índice

PREFÁCIO

3

INTRODUÇÃO

5

OS COORDENADORES

ECONOMIA

10

Falhas Institucionais e Científicas
da Crise da Filoxera - 1863-1893

28

El desarrollo de los
ferrocarriles peninsulares
transfronterizos
con la provincia de
salamanca

36

Usos e propriedades
da amêndoa

42

Pensar no presente,
o futuro do Parque
Arqueológico/Museu do Côa
no horizonte 2020

94

As pedreiras romanas
do Salgueiro

100

Arte rupestre do castro
de São Jurge - Ranhados (Mêda)

108

Glossário dos principais elementos
característicos da estação arqueológica
de Castanheiro do Vento
(3º e 2º milénio a.c.)

120

Escavar para quê?
Conhecer os artistas para
compreender a arte do Côa

132

O Plano de Salvaguarda
do Património do
Aproveitamento
Hidroeléctrico
do Baixo Sabor (PSP do AHBS),

CIÊNCIA

52

O Carril Mourisco
O traçado romano de uma
grande rota contemporânea

80

As “estruturas circulares”
em Castanheiro do Vento
(Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa).
Exercícios descritivos e interpretativos
da forma e da organização do espaço

CULTURA

171

Banda musical de Freixo
de Numão – 1865 – 2015
150 ANOS AO SERVIÇO
DA CULTURA

181

Armando Martins Janeira
e o pensamento
colonial

183

Adventino Fachada,
um artista da história local

187

Parque Arqueológico
do Vale do Côa - Portefólio I

245

Criar destruindo:
a arte de Vihils

◊ Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS), 2010 - 2015

Resumo

A construção de uma nova barragem hidroeléctrica na região de Trás-os-Montes - *Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor* (AHBS) – deu lugar a um ambicioso plano de minimização dos impactes da empreitada de obra. Centrado sobre um território, o Baixo Sabor, esse Plano desenvolveu entre 2010 e 2015 uma aproximação integrada que visou a investigação das dinâmicas de transformação do território na longa duração, da Pré-história aos nossos dias. Encerrados os trabalhos de campo e elaborados os relatórios preliminares, os principais responsáveis pela execução do Plano de Salvaguarda do Património apresentam num *dossier* de síntese os principais resultados e um balanço do processo.

Palavras-chave

Património; Baixo Sabor; Salvaguarda; Minimização.

Desenvolvido no âmbito do *Plano de Salvaguarda do Património* (PSP), o estudo Etno-Arqueológico de Cilhades constitui-se, de igual modo, e à semelhança de todos os outros estudos ali contemplados, como uma das medidas mitigadoras da vertente cultural relacionada com a implementação do *Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor* (AHBS).

Inferindo-se sobre o tempo dilatado da presença humana neste pequeno lugar, localizado precisamente na margem direita do rio que engrandece o nome ao empreendimento aludido, ainda que, curiosamente, pertença da freguesia de Felgar (Torre de Moncorvo), cuja restante porção do território administrativo se encontra totalmente na margem oposta, optou-se, e bem, por se equacionar uma análise pormenorizada e muito particular deste espaço. Ponto importante da passagem entre margens, há muito assinalado na cartografia antiga por *Si(e)lhade(s)*, ou na forma abreviada de *Barca de Si(e)lhade(s)*, as intervenções por nós ali levadas a cabo, embora efetivamente transversais, podemos dizê-lo, a todos os outros estudos, tendo em conta o que haveria de concluir-se em relação à sua extensa diacronia, documentando-a, possibilitaram-nos a construção de uma narrativa histórica coerente, apoiada em distintos suportes - que não apenas aqueles que advieram dos próprios resultados das escavações arqueológicas -, sobre a ocupação humana desta área do vale do Sabor.

Revestindo-se, como se depreende, de um carácter assumidamente geográfico, o mesmo serviria, claro está, para que se pudesse coadjuvar as próprias interpretações de todos os outros estudos, também centrados no Homem, ainda que a tempos precisos, temporal e culturalmente, ao longo de toda a área de afectação do vale do Sabor.

Terá sido a própria orografia, com a particularidade do vale no ponto que nos ocupa, que por norma se desenvolve ao longo de toda a sua extensão relativamente bem encaixado, se encontrar visivelmente mais aberto, um dos factores preponderantes para a fixação humana. Curiosamente, assiste-se a uma situação geográfica relativamente similar em Crestelos (Meirinhos, Mogadouro), a montante de Cilhades, no seguimento do curso do rio, tendo-se constatado ali, de igual modo, uma ocupação temporal extremamente dilatada. Estas duas

realidades são, efetivamente, ainda que com as suas especificidades, muito similares, oferecendo-nos uma projecção fidedigna do Homem no vale do Sabor sobre a tela do tempo longo.

Muito embora possam parecer ténues esses vestígios, razões há para que se reconheça que a ocupação humana de Cilhades se tenha iniciado, efectivamente, pelo menos, – ainda que não podendo descurar-se, de todo, as referências a achados mais antigos (Santos Júnior, 1977) –, durante a Pré-história recente (III/II milénios a.C). Essas evidências não só se vislumbram em alguns materiais avulsos, de onde sobressaem um conjunto de elementos de pedra polida, mas ganham ainda maior relevância pela identificação da parte superior de um ídolo estela – que a breve trecho publicaremos - com inequívocos paralelos entre as designadas *Estelas centro-ocidentais* (Bueno Ramirez et al., 2011) -, onde não só outros exemplares foram já reconhecidos no próprio concelho de Torre de Moncorvo como em área geográfica próxima, isto através dos exemplares recuperados e sobejamente conhecidos do sítio de Cabeço da Mina (Vila-Flor) (Jorge, 1999). Por último, esta constatação alicerça-se também na cronologia apontada para um conjunto de gravuras que se encontram em zona extremamente próxima de Cilhades, a oeste, no sítio conhecido por Vale de Figueira (Figueiredo, 2014). Ali, no que eventualmente pode constituir um dos limites naturais para este território, vêem-se uma série de gravuras patentes num painel de xisto ao ar livre, gravações essas que representam armas bem características. Do conjunto salta facilmente à vista uma alabarda de tipo Carrapatas (ou Transmontano), encabada, ladeada ainda por um punhal perfeitamente visível, apresentando-se este sobre o lado esquerdo da primeira “arma” referida. Este painel, parte lateral da parede rochosa da própria ribeira de Figueira, assume particular significância porquanto elemento documentador da diacronia da ocupação humana do espaço que nos importa, sendo comumente aceite, existindo inúmeros paralelos conhecidos deste tipo de “armamento”, que os mesmos se possam incluir no Bronze Antigo (2200-1700 a.C), existindo para alguns dos elementos representados, nomeadamente para a alabarda, inúmeros paralelos na região de Trás-os-Montes,

*
Coordenador
do Estudo de Cilhades

destacando-se, meramente a título de exemplo, as peças achadas também de forma fortuita no sítio de Vale Bemfeito (Macedo de Cavaleiros), com uma figuração deste género de elementos de igual modo patente na conhecidíssima estela de Longroiva (Mêda).

Nesta longa diacronia há inúmeras intermitências. Há páginas incompletas do *livro dos acontecimentos* e capítulos inteiros ausentes. A narrativa histórica de Cilhades, tal como nós tivemos oportunidade de a documentar, ressaltando-se, claro está, que apenas uma ínfima parte daquele território pôde ser intervencionado, recomeça já na segunda metade do I milénio a.C., ou seja, em plena II Idade do Ferro, constituindo este um dos seus períodos mais florescentes. Em momento avançado da II Idade do Ferro, fortifica-se um pequeno esporão sobranceiro ao rio, encerrando o resguardo evidências de múltiplas transformações, traduzidas por sucessivas campanhas de monumentalização, com a última etapa a ter-se produzido certamente como medida de salvaguarda sobre os rumores de uma nova ordem que nos alvares do século I a.C. se acabaria mesmo por impor sobre todo o nordeste do nosso território. Dado o número de estruturas de armazenagem que este sítio fortificado encerrava no seu interior, e dadas as evidências da ocupação sidérica no exterior desta fortificação, sobretudo no sítio de Cemitério dos Mouros, onde um conjunto de materiais coevos e de construções negativas a atestam, é de crer que o Castelinho tenha sido construído, sobretudo, para guardar, mais do que para nele se viver. A agricultura, os excedentes agrícolas, desempenhariam um papel fundamental no dia-a-dia da população e seria, mais do que tudo, a base da sua economia. A conquista de Roma sobre este território, e a tomada de lugares chave como o Castelinho, deve entender-se como uma acção inteligente da nova força ocupante sobre a sua própria estratégia de ocupação a médio/longo prazo, controlando-se logo numa fase inicial pontos de significativa importância política, social e económica da região. A ocupação sidérica de Cilhades, como o referimos, não se esgota no sítio fortificado do Castelinho (Santos et al, 2015), pelo que devemos atender, ainda que num território provavelmente não muito vasto, a uma grande mobilidade da população que nele vivia, mobilidade eventualmente de carácter sazonal que, convenhamos, a própria ocupação de época Moderna/Contemporânea de Cilhades acaba por ser, se assim quisermos, dessa herança um reflexo natural. Observando-se uma sequência ocupacional expressiva no sítio de Cemitério dos Mouros, autêntico palimpsesto fixado na parte central deste lugar, estabelecendo-se as construções romanas sobre estruturas sidéricas anteriores, assim como mais tarde sobre estas se haveriam

de estabelecer as relacionadas com a sua ocupação medieval (Miquel Rosselló et al, 2015) até àquelas que se ligarão já ao período Moderno e Contemporâneo, vê-se o espaço dos mortos na Alta Idade Média, cuja cronologia se pode encerrar entre o Séc. VI e os Sécs. XIII/XIV, a poucas dezenas de metros deste ponto, a nordeste, bastando para isso ultrapassar, como fronteira, o ribeiro de São Lourenço.

Muito embora a necrópole medieval do Laranjal (Santos et al, 2015), um dos três sítios arqueológicos aqui intervencionados – e onde à mesma se associará templo religioso - se estenda pela cronologia aludida no parágrafo anterior, parece que este lugar, logo a partir dos inícios do Séc. XIII, quando D. Sancho doa o agora reguengo aos povoadores de Mós, esmorece, ligando-se, mais tardiamente, e com todas as construções que lhe estão associadas, a um aproveitamento agrícola e sazonal. Ainda assim, o Homem, neste ponto em concreto do vale do Sabor, vivenciou plenamente este lugar até à sua total submersão.

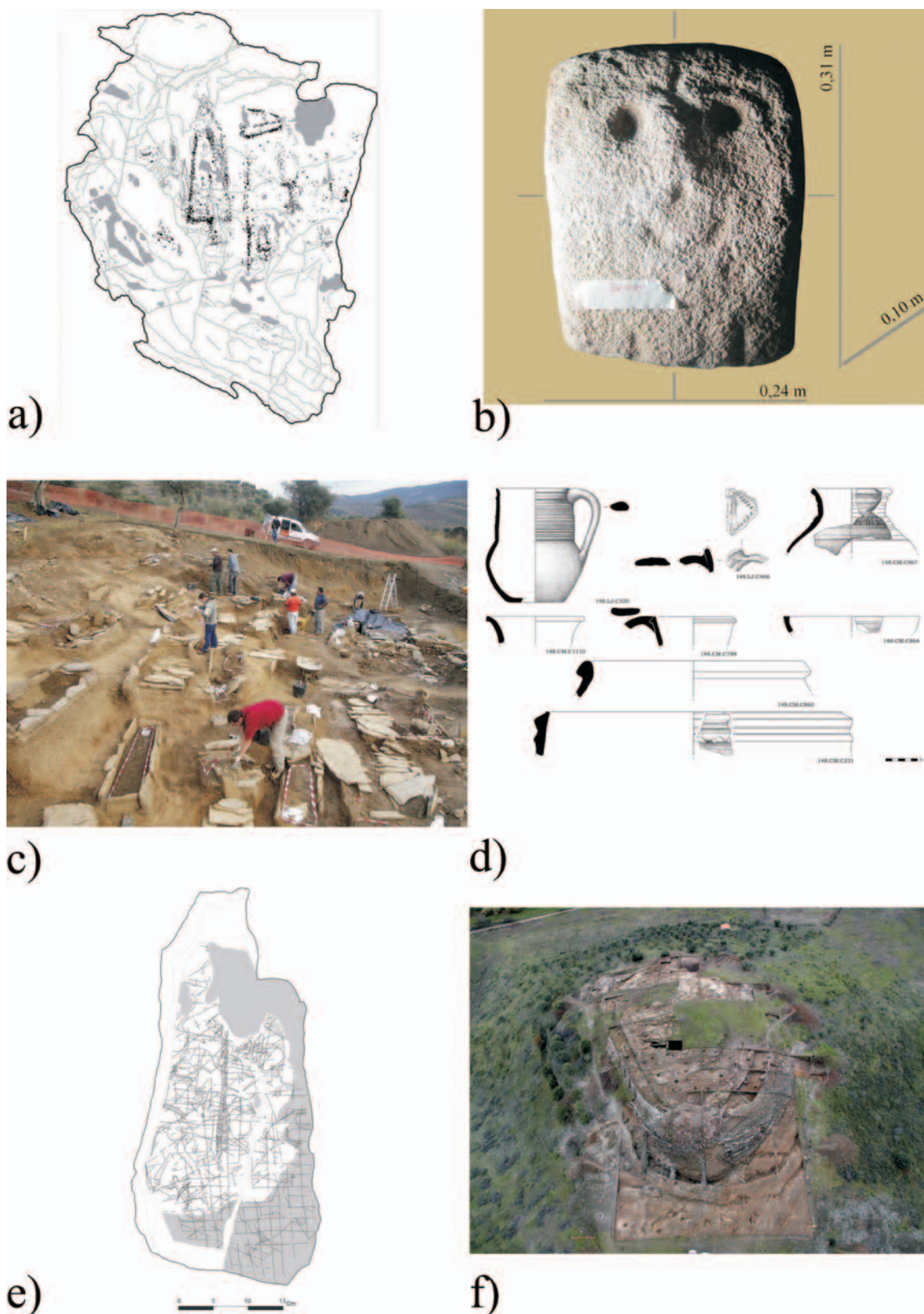


Figura 1:
a) Rocha 11 de Vale de Figueira,
b) ídolo-estela de Cilhades,
c) necrópole do Laranjal,
d) material cerâmico da Alta Idade Média dos
sítios de Laranjal e Cemitério dos Mouros,
e) laje gravada 1 do Castelinho,
f) sítio fortificado do Castelinho.

Bibliografia

- BUENO RAMIREZ, P., BARROSO PERMEJO, R., BALBÍN BEHRMANN, R. (2011) – Identidades y estelas en el calcolítico peninsular. Memorias funerarias en la cuenca del Tajo, In Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas, Sabugal, p. 37- 62.
- FIGUEIREDO, S. C. S. de (2013) – A arte esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e linguagens. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Policopiada, p. 80.
- MIQUEL ROSSELLÓ, SANTOS, C., CARVALHO, L., SANTOS, F. (no prelo) - Contributo para o conhecimento das ocupações Tardo Antiga e Alto-Medieval do vale do Sabor. O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), à luz do estudo da sua componente cerâmica, In Arqueologia Medieval 13, Campo Arqueológico de Mértola. Edições Afrontamento, Porto.
- JORGE, S. O. (1999) – Cabeço da Mina (Vila Flôr, Portugal). Ein Kupferzeitliches Heiligtum mit Stelen, In Gotter und Helden der Bronzezeit. Europa im zeitalter desOdysseus. Ostfilden: Hatje Cntz Verlag, p.137-141.
- JÚNIOR, J.S. (1977) – O terraço fluvial do Chão de Palheirinhos e o seu possível interesse arqueológico, In Trabalhos de Antropologia e Etnografia, Vol. XXIII, fasc.1, p.166-167.
- SANTOS, F., ROCHA, F., PINHEIRO, E. (no prelo) - Arquitecturas defensivas na Segunda Idade do Ferro. A evolução do sistema defensivo do sítio fortificado do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal), In Actas do Congreso Interncional de fortificaciones de la Edad del Hierro: Control de los recursos y el Territorio, Zamora (no prelo).
- SANTOS, F., MIQUEL ROSSELLÓ, SANTOS, C., CARVALHO, L., ROCHA, F., (no prelo) - Aspetos da morte no vale do Sabor. O mobiliário funerário Tardo Antigo das inumações do Laranjal de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). Achegas à cronologia de uma necrópole de longa duração, In Arqueologia Medieval 13, Campo Arqueológico de Mértola. Edições Afrontamento, Porto.